VIDROS ROMANOS DE BALSA

Por

JORGE DE ALARCÃO

Balsa, citada por Pompónio Mela, Plínio e Ptolomeu e referenciada no Itinerário de Antonino, foi identificada por Francisco Martins de Andrade e Estácio da Veiga na zona entre Santa Luzia e a Senhora da Luz, a pequena distância de Tavira (1). Os numerosos achados feitos nesta zona, na quinta de Torre de Ares e no sítio das Antas, provam que foi ali o assento da antiga cidade romana de Balsa.

O Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia (Lisboa) guarda um rico espólio proveniente dessa zona e ainda inédito. Agradecemos ao seu Director, Prof. Doutor D. Fernando de Almeida, a autorização que nos concedeu para estudarmos os vidros desse espólio.

As peças que aqui publicamos sem número de inventário, presumimos que sejam de Torre de Ares ou das vizinhanças por se encontrarem guardadas num escaparate onde tudo o mais é dessa proveniência. É possível que algumas correspondam a certos números do inventário do Museu que não encontrámos. A descrição su-

(1) Sobre Balsa, vid. Estácio da Veiga, *Povos Balsenses*, Lisboa, 1866; Teixeira de Aragão, *Relatório sobre o cemitério romano descoberto próximo da cidade de Tavira em Maio de 1868;* E. Hübner, *Monumentos de Balsa*, «Revista Archeológica e Histórica», Lisboa, 1, 1887, pp. 33-38; Teixeira de Aragão, *Antiguidades romanas de Balsa*, «O Archeólogo Português», Lisboa, 2, 1896, pp. 55-57; Francisco Xavier d'Ataíde Oliveira, *Monografia da Luz de Tavira*, Porto, 1913; J. Leite de Vasconcelos, *Antigualhas de Torre de Ares*, «O Archeólogo Português», Lisboa, 24, 1920, p. 230; Abel Viana, *Balsa y la necropolis romana de As Pedras d'El Rei*, «Archivo Español de Arqueologia», Madrid, 1952, pp. 261-285. Vid. ainda *CIL*, II, p. 4 e *Suppl.*, pp. 785-786. No Museu de Faro conservam-se também alguns vidros de Torre de Ares que publicámos em Alarcão, 1968, p. 7 e seg.

mária deste inventário não permite fàcilmente restituir o primitivo número às peças que foram etiquetadas ou numeradas mas a que o tempo queimou as etiquetas ou safou os números. Essas peças, e igualmente os vidros inventariados mas sem proveniência segura ou encontrados na mesma zona presumível da antiga Balsa mas não exactamente em Torre de Ares, levam indicação.

Omitimos alguns fragmentos que repetem os perfis de outras peças completas ou são demasiadamente pequenos para poderem ser classificados com segurança.

VIDROS OPACOS E LISTRADOS

Não encontramos paralelo exacto para a anforeta 1. Julgamos, todavia, poder atribuí-la a oficina síria do século I ou II d. C., pois naquela região e nessa época se fabricaram muitos vasos deste tipo, com ou sem asas, de vidro opaco ou transparente (2).

A taça 2, que reproduz, em vidro, a forma Drag. 27, é um tipo que se encontra em Haltern e outras estações da primeira metade do século I d. C. (3).

A taça 3 é uma forma da mesma época, imitação da Ritt. 8, mais rara ainda que as imitações da Drag. 27 (4).

O número 4, e particularmente o 5, são vidros de luxo. Muito complexa, a técnica de fabrico deste tipo de vidros não se acha ainda completamente esclarecida. Possìvelmente, eram fabricados sobre um «caroço» de argila; sobre este aplicavam-se successivas camadas de vidro de cores diferentes que propositadamente se deixavam mais ou menos espessas. Depois de arrefecido, o vidro era polido ao torno. No nosso exemplar n.º 4, sobre uma camada de vidro verde-esmeralda, aplicou-se uma de vidro branco, que ora vem à superfície, formando veios, ora se afunda. Sobre esta corre outra de vidro azul-pavão, cuja espessura ora aumenta ora se reduz

(2) Cfr. Smith, 1957, n.os 157 e 356; Morin-Jean, 1913, tipo 27, pp. 79-80; Vessberg, 1956, fig. 48 e p. 203; Doppelfeld, 1966, est. 25.

(3) Cfr. Berger, 1960, pp. 29-30; Alarcão, 1965, p. 38.

(4) Cfr. Berger, 1960, n.º 47.

até deixar a descoberto o vidro branco da camada intermediária. Na realidade, a transição do tom verde-esmeralda ao azul-pavão é tão gradual que não é fácil dizer como é que foi obtida. O vidro branco, ora vindo à superfície ora afundando-se, contribui para alterar gradativamente a cor.

O número 5 é ainda mais precioso pois apresenta uma folha de ouro entre duas de vidro incolor. A peça parece feita de três partes triangulares trabalhadas independentemente, que foram soldadas com vidro opaco monocrómico azul. Se assim foi, as três partes independentes hão-de ter sido montadas sobre um suporte provàvelmente de argila, vertendo-se o vidro azul nos interstícios. Recordemos, a propósito desta peça, uma taça da colecção Smith, talvez feita pelo mesmo processo (5).

1 — Vidro opaco, azul-cobalto claro, com asas de vidro verde-gelo com impurezas negras.
Fragmentada e incompleta. Picada e com crateras.
Alt. conservada: 152 mm. Diâm. máx. 57 mm. Esp. do vidro: 1 mm.
Bojo ovóide, gargalo alto estreitando para a boca, bordo dobrado para fora. Armada de duas asas.
Núm. inv.: 14 745.

2 — Vidro branco opaco.
Picada e com algumas crateras. Completa e intacta.
Alt. máx.: 61 mm. Diâm. da boca: 118 mm. Esp. do vidro: 1,5 mm.
Copa em dois lanços, bordo revirado para fora, pé anelar.
Oferta de João Ignácio Gomes.
Núm. inv.: 14 708. No inv. é dada como «vaso de pedra branca (alabastro?)». Tem ainda uma etiqueta com o número E. 2309.

3 — Vidro negro.
Fragmentada e incompleta. Riscada.
Alt.: 58 mm. Diâm. da boca: 113 mm. Esp. mín. do vidro: 2 mm.
Copa hemisférica assente em pé anelar. Tem vestígios evidentes de trabalho ao torno.
Núm. inv.: 14 546.

(5) Cfr. Smith, 1957, n.º 148. Sobre o fabrico destes vidros vid. Smith, 1957, p. 89 e Fremersdorf, *Alexandrinisches Buntglas aus einer Grabummauerung in Köln*, «Germania», 16, pp. 284-285.

4 — Vidro com tonalidades do verde-esmeralda ao azul-pavão, com veios brancos.
Muito picado e com irisão.
Alt.: 25 mm. Diâm. da boca: 23,5 mm.
Gargalo cilíndrico, bordo revirado para fora, com tecto largo e ligeiramente descaído para dentro.
Sem núm. de inv. Provàvelmente proveniente de Torre de Ares por se encontrar no mesmo escaparate com outras peças da mesma procedência.

5 — Vidro de vários tons de azul, entre Caran d'Ache e ultramarino, com folha de ouro entre camadas de vidro incolor. Tem também pedaços de vidro verde-esmeralda.
Alt.: 24 mm. Diâm. máx.: 45 mm.
Bojo bulbiforme, com duas ranhuras feitas ao torno a delimitar um pequeno pé. Fundo côncavo.
Núm. inv.: 14 901.

TAÇAS E PRATOS

A classificação do número 6 levanta-nos dúvidas. É um fragmento de vidro verde-gelo soprado em molde. Nas escavações luso-francesas de Conimbriga encontraram-se fragmentos semelhantes que, infelizmente, pouco maior perfil apresentam (6). Talvez se trate de uma «trulla» da forma 75 de Isings. Fremersdorf publicou uma destas peças encontradas em Colónia, atribuindo-a ao século I d. C. e citando paralelos em Ventimiglia, Amiens e Pompeia e ainda um exemplo sem proveniência no Antiquarium de Berlim (7).

O número 7 é uma taça do tipo «deep bowl» B II de Vessberg, que tem paralelo exacto em Straubing-Sorviodurum e data provàvelmente do fim do século I ou do II d. C. (8).

(6) Serão publicados no relatório, em preparação, destas escavações.

(7) Fremersdorf, *Das naturfarbene sogenannte blaugrüne Glas in Köln*, Colónia, 1958, est. 133 e p. 57. Do mesmo autor, *Römisches geformtes Glas in Köln*, Colónia, 1961, est. 67 e p. 42.

(8) Cfr. Vessberg, 1956, fig. 43, pp. 7-9 e Norbert Walke, *Das römisches Donaukastell Straubing-Sorviodurum, Berlim*, 1965, est. 75, 31.

O número 8 é semelhante a um prato de Karanis, de fabrico 2. Harden atribuiu este fabrico ao século II e inícios do III d. C. (9).

Para o número 9 não encontramos paralelo exacto.

O número 10, que já publicámos (10), cabe no tipo 116 de Isings, comum no século IV d. C. Harden estudou em 1960 as taças desta forma com decoração figurativa gravada à mão (11). A taça de Torre d'Ares não pode, porém, filiar-se naquele grupo, provàvelmente fabricado em Colónia. A composição da cena de caça num friso circular não tem paralelo nas taças do grupo de Wint Hill; com efeito, os caçadores, a pé ou a cavalo, são um elemento obrigatório das taças de Wint Hill mas não se acham representados na nossa peça; por outro lado, o trabalho desta taça é muito mais apurado que o dos gravadores do grupo de Wint Hill. Talvez a peça de Torre de Ares tenha sido fabricada em oficina oriental. A jarra de Highdown Hill publicada por Harden (12) e por este autor atribuída a oficina oriental apresenta algumas semelhanças com a taça de Torre de Ares: em ambas, a cena de caça é gravada em friso contínuo, com arbustos a separar os animais; em ambas só existem animais, faltando os caçadores. Do ponto de vista técnico, porém, as duas peças são diferentes, pois a de Highdown Hill é trabalhada por abrasão, enquanto a de Torre de Ares é gravada à mão, sem auxílio do torno.

O número 11 é uma taça de tipo Isings 117, forma comum no século IV d. C.; o número 12 é certamente mais antigo, mas não encontramos paralelo exacto.

6 — Vidro verde-gelo com muitas bolhas de ar e pedra.
Fragmentada e incompleta.
Diâm. de base: 61 mm. Esp.: 1,5 mm.
Fundo côncavo com dois anéis concêntricos moldados, um dos quais

(9) Harden, 1936, n.º 123.

(10) J. Alarcão, *Abraded and engraved late-Roman glass from Portugal*, «J. G. S.», 12, 1970, pp. 28-30.

(11) Harden, *The Wint Hill hunting bowl and related glasses*, «J. G. S.», 2, 1960, pp. 44-81.

(12) Harden, *The Highdown Hill glass goblet with Greek inscriptions*, «Sussex Archaeological Collections», 97, 1959, pp. 3-20.

serve de apoio. É possível que tivesse três ou quatro anéis, mas o fragmento não permite verificá-lo. A parte inferior da copa é canelada.

Sem núm. de inv. Provàvelmente proveniente de Torre de Ares por se encontrar no mesmo escaparate com outras peças dessa procedência.

7 — Vidro ligeiramente tingido de verde-maçã, com muitas bolhas de ar, impurezas negras e estrias resultantes da soflagem.

Fragmentada e incompleta.

Alt.: 51 mm. Diâm. da boca: 94 mm. Esp. min.: 0,5 mm.

Paredes ligeiramente sinuosas, bordo engrossado e polido ao fogo, pé apertado com turquêses, marca de pontel bem visível no fundo.

Núm. inv.: 14 743.

8 — Vidro verde-gelo com algumas bolhas de ar, pedra e impurezas negras.

Fragmentado e esborcelado mas quase completo. Ligeira leitosidade e concreções calcárias.

Alt.: 38 mm. Diâm. da boca: 220 mm.

Paredes e fundo muito ondulados, pé apertado com turquêses, bordo arredondado e polido ao fogo.

Tem núm. de inv.: 14 134. Este não corresponde, porém, à descrição do inventário, que regista, sob este número: «fragmento de pequeno vaso de vidro azul com bojo talvez esférico ou ovalar e curto colo tubular com bordo arregaçado.»

9 — Vidro quase incolor, com ligeiro tom verde-maçã só perceptível na aresta.

Fragmentada e incompleta, muito picada, riscada, com fundas ranhuras e leitosidade que torna o vidro apenas translúcido.

Alt.: 70 mm. Diâm. máx.: 170 mm. Esp. mín.: 1,25 mm.

Fundo horizontal, assente num pé em forma de aro, acrescentado, oblíquo. Paredes encurvadas e bordo biselado.

Núm. inv.: 14 131.

10 — Vidro incolor, com muitas bolhas de ar.

Fragmentada e incompleta, com ranhuras fundas.

Alt.: 52 mm. Diâm. máx.: 170 mm. Esp. 2-9 mm.

Taça em calote esférica com bordo ligeiramente envasado, de arestas apenas polidas ao torno. Tem decoração gravada à mão. O centro apresenta um cesto de duas asas cheio de frutas e palmas. O cesto

é envolvido por uma linha em ziguezague com ligeiros golpes em forma de grãos de arroz nos intervalos. À volta do ziguezague corre uma coroa de idênticos golpes, formando um círculo de folhagem representada esquemàticamente. À volta da parede correm dois cães, cada um deles caçando uma lebre. Os animais estão separados uns dos outros por arbustos. Por detrás dos cães vêem-se arbustos idênticos. Os cães apresentam coleiras e um deles tem um cinto semelhante à volta do corpo. O contorno dos animais é representado, ora por uma linha contínua, ora por curtos riscos transversais. O pêlo é reproduzido por abrasão e por pequenos golpes em forma de grãos, principalmente nos quartos traseiros de uma das lebres.

11 — Vidro verde-alface, com bolhas de ar e impurezas negras, estrias resultantes da soflagem e filandrado.
Fragmentada mas completa, riscada pelo uso, com concreções calcárias.
Alt.: 52 mm. Diâm. da boca: 132 mm. Esp. mín.: 0,75 mm.
Copa muito esvasada, decorada com oito pequenas depressões ovais. Fundo côncavo e bordo engrossado e polido ao fogo.
Núm. inv.: 15 073. Achado em 1844 por Paiva numa sepultura, conforme consta da ficha de inventário.

12 — Vidro incolor, com algumas bolhas de ar.
Fragmentada e incompleta.
Alt.: 60 mm. Diâm. da boca: 108 mm. Esp. 1 mm.
Copa hemisférica decorada com quatro depressões circulares. Fundo ligeiramente côncavo, bordo levemente envasado, de arestas vivas.
Núm. inv.: 14 742.

COPOS

Os copos de faces encovadas como os números 13-16 dividem-se em dois grupos: sem pé e com pé apertado por turquêses. O primeiro grupo constitui a forma 32 de Isings. A variedade é grande dentro deste tipo, como pode julgar-se pelos exemplares publicados por Lancel e Vessberg ([13]). Lancel não discute a cronologia dos exemplares de Tipasa. Vessberg, embora reconhecendo a semelhança dos copos de Chipre com os de Karanis, que Harden datou posterior-

([13]) Lancel, 1967, forma 20; Vessberg, 1956, fig. 44.

mente a c. 200 d. C. (14), observa que já em Pompeia se encontram copos deste tipo. Isings regista exemplos dos fins do século I ou inícios do II d. C. em Nijmegen e Locarno, e vários outros dos séculos II e III. Dusenbery, porém, publicou um copo do segundo quartel ou dos meados do século I d. C. encontrado em Samotrácia (15). Infelizmente, os copos de Balsa, por falta de estratigrafia, não podem ajudar ao estabelecimento da cronologia de um tipo que teve grande duração.

A peça número 16, de que só resta o fundo, pode ser um copo da forma 35 de Isings, atribuível ao século I ou II d. C.

Os vidros assentes numa coroa de pequenos pés como o número 17 não são comuns. São mesmo muito raras as peças completas ou reconstituíveis e entre elas não conhecemos nenhum copo semelhante ao de Balsa. Um exemplar de Chipre publicado por Vessberg (16) é muito mais baixo. Este tipo de vidros deve atribuir-se ao século II ou aos inícios do III d. C. Em Portugal não conhecemos senão um exemplar de forma indeterminável encontrado na vila de Cardílio em Torres Novas (17).

O número 18 tem paralelo exacto num copo da sepultura 18 de Serrones (18). O 19 poderá pertencer ao mesmo tipo.

A forma do número 20 é tão simples e frequente dos séculos I ao IV d. C. que não podemos aventurar uma cronologia precisa (19). Além deste que publicamos, o mesmo perfil repete-se noutro mais fragmentado que não descrevemos nem ilustramos.

---

(14) Harden, porém, é hoje de opinião que a cronologia de Karanis peca por ser excessivamente baixa. Estes copos seriam portanto, em Karanis, ainda do século II d. C.

(15) E. Dusenbery, *Ancient glass from the cemeteries of Samothrace*, «J. G. S.», 9, 1967, fig. 45.

(16) Vessberg, 1956, fig. 45, 12. Clairmont, 1963, p. 51, nota 101, cita um copo inédito do Landesmuseum de Bonn com cerca de 220 mm de altura.

(17) A. e J. Alarcão, *Achados na villa romana de Cardílio*, «Arquivo de Beja», 23-24, 1966-67, est. V, 9.

(18) Alarcão, 1967, n.º 19.

(19) Isings, forma 34; Harden, 1955, p. 52.

O número 21, cuja reconstituição nos parece a mais acertada, aproxima-se de um copo encontrado em Tongres, em túmulo de fins do século I ou inícios do II d. C. ([20]).

O número 22 parece caber no tipo 106 de Isings, forma muito comum no século IV nas províncias do centro e norte da Europa. Conhecendo tão pouco dos vidros romanos da área mediterrânica, julgamos preferível reservar o nosso juízo, admitindo que, nesta área, tais copos se tenham fabricado mais cedo.

O número 23 tem paralelo num copo de proveniência ignorada do Museu Arqueológico de Vila Viçosa e noutro da Figueira da Foz, este último proveniente da necrópole da Fonte Velha em Bensafrim (Algarve) ([21]); infelizmente, nenhum destes exemplos é datado.

O número 24 é uma forma que se encontra no cemitério de Valdoca ([22]). Já a propósito deste achado citámos os paralelos conhecidos, que nos induzem a considerar a forma como predominantemente mediterrânica e a atribuí-la aos fins do século I ou ao II d. C. Posteriormente, Lancel publicou a mesma forma entre os achados de Tipasa (Argélia) e Teresa Canivet apresentou um copo semelhante da Sardenha ([23]).

Os números 25 e 26 são copos decorados com cabuchões — um tipo pouco comum em Portugal, mas conhecido já em Conimbriga ([24]). Criada nos meados do século III, esta decoração tornou-se frequente nos fins deste século e nos inícios do IV, mas continuou a usar-se ainda até ao século V ([25]). Os dois copos de Torre de Ares têm paralelos muito próximos em Aquileia, Colónia e no Mar Negro ([26]).

([20]) M. Vanderhoeven, *De romeinse Glasverzameling in het Provinciaal Gallo-Romeins Museum te Tongeren*, Tongres, 1962, n.º 197.

([21]) Alarcão, 1967, n.º 20 e 1964, est. IV, 4.

([22]) Alarcão, 1966, sepultura 100, n.º 4.

([23]) Lancel, 1967, forma 19; Maria Teresa Fortuna Canivet, *I vetri romani di Cornus conservati al Museo di Cagliari*, «J. G. S.», 11, 1969, p. 23 e fig. 15.

([24]) Alarcão, 1965, pp. 106-107.

([25]) F. Fremersdorf, *Die römischen Gläser mit aufgelegten Nuppen in Köln*, Colónia, 1967, pp. 7-13.

([26]) Calvi, 1968, est. 26; Fremersdorf, ob. cit. nota anterior, est. 93; Nina Sorokina, *Das antike Glas der Nordschwarzmeerküste*, «Annales du 4e Congrès des Journées Internationales du Verre», Liège, 1967, p. 74 e fig. 4.

O número 27, forma inédita em Portugal, não é fácil de classificar. O perfil é idêntico ao tipo 4 de Isings; desta forma, porém, a autora cita apenas um exemplar, em vidro marmóreo, encontrado no túmulo 5 de Minusio Cadra (Ticino) do fim do reinado de Augusto ou dos inícios do de Tibério. Não nos parece que possa atribuir-se uma data tão recuada ao nosso copo de vidro incolor. Embora não tenha paralelo entre os vidros de Chipre, poderá integrar-se no grupo A II dos boiões de Vessberg, que este autor atribui ao século III d. C. ([27]).

13 — Vidro quase incolor, muito ligeiramente tingido de verde-maçã só perceptível na aresta.
Fragmentado e incompleto. Corrosão com aspecto de vidro gelado. Alt.: 101 mm. Diâm. da boca: 8 mm. Esp. mín.: 0,5 mm.
Copo sobre o quadrado, com quatro depressões de forma ogival; bordo envasado, de arestas; fundo ligeiramente côncavo. Decorado com linhas gravadas no colo, finas e irregulares.
Sem núm. de inv. Provàvelmente proveniente de Torre de Ares por se encontrar no mesmo escaparate com outros vidros da mesma procedência.

14 — Vidro ligeiramente tingido de verde-musgo, com bolhas de ar, escuma e impurezas negras.
Fragmentado e incompleto. Picado.
Alt.: 85 mm. Diâm. da boca: 72 mm. Esp.: 0,75 mm.
Copa decorada com quatro depressões circulares. Fundo côncavo, bordo envasado e de arestas.
Sem núm. de inv. Provàvelmente proveniente de Torre de Ares por se encontrar no mesmo escaparate com outros vidros dessa procedência.

15 — Vidro incolor, com muitas bolhas de ar.
Fragmentado e incompleto. Riscado, picado, com ranhuras fundas e leitosidade.
Alt.: 90 mm. Diâm. da boca: 90 mm. Esp. mín.: 0,5 mm.

([27]) Vessberg, 1956, fig. 45, 24-25. Cfr. também Calvi, 1968, est. 24, 2 e p. 156. O vidro incolor é raro anteriormente aos Flávios, como observou Harden em *Ancient Glass II-Roman*, «The Archaeological Journal», 126, 1970, p. 61.

Copa decorada com doze depressões ovais altas e estreitas. Fundo côncavo e bordo de arestas.
Sem núm. de inv. Provàvelmente proveniente de Torre de Ares por se encontrar no mesmo escaparate com outros vidros dessa procedência.

16 — Vidro ligeiramente tingido de verde-alface.
Fragmentado e incompleto.
Diâm. do pé: 40 mm. Esp.: 1 mm.
Decorado com quatro depressões.
Sem núm. de inv. Provàvelmente proveniente de Torre de Ares por se encontrar no mesmo escaparate com outras peças da mesma procedência.

17 — Vidro incolor com raras bolhas de ar.
Fragmentado e incompleto. Corrosão leitosa, concreções ferruginosas. Ligeiramente picado e com ranhuras.
Alt.: 115 mm. Diâm. da boca: 75 mm. Esp. mín.: 0,75 mm.
Copo cilíndrico, de fundo arqueado, assente em vinte pequenos pés repuxados com turquêses; bordo revirado para fora, de arestas aparentemente polidas ao torno. Decorado com linhas paralelas gravadas a intervalos irregulares.
Núm. de inv.: 14 858.

18 — Vidro incolor com raras bolhas de ar.
Fragmentado e incompleto, muito riscado, picado e com ranhuras fundas.
Alt.: 78 mm. Diâm. de boca: 98 mm. Esp. mín. 0,75 mm.
Copa cilíndrica, decorada com linhas gravadas; bordo envasado, de arestas aparentemente polidas ao torno.
Núm. de inv.: 14 717.

19 — Vidro incolor.
Fragmentado e incompleto, com crateras em formação.
Diâm. da boca: 98 mm. Esp. 0,75 mm.
Copa cilíndrica, decorada com uma ranhura, bordo envasado, de arestas polidas ao torno.
Núm. de inv. 14 878. Não tem indicação de proveniência mas acha-se no mesmo escaparate com materiais de Torre de Ares.

20 — Vidro verde-gelo com bolhas de ar miúdas e estrias resultantes da soflagem.

Fragmentado e incompleto, ligeiramente irisado. Intensamente picado, tomando nalgumas áreas o aspecto de vidro gelado.
Alt.: 96 mm. Diâm. da boca: 90 mm. Esp. 0,5 mm.
Copa sobre o cónico, de lados ligeiramente sinuosos, pé apertado com turquêses, fundo côncavo, bordo envasado e de arestas.
Núm. de inv.: 14 782.

21 — Vidro verde-gelo, com estrias resultantes da soflagem.
Fragmentado e incompleto, intensamente picado, tomando por vezes aspecto de vidro gelado, com ranhuras.
Alt. provável: 60 mm. Diâm. da boca: 86 mm. Esp. 0,75 mm.
Copa cónica, pé apertado com turquêses, bordo envasado e de arestas.
Núm. de inv.: 14 735.

22 — Vidro ligeiramente verde-gelo, com bolhas de ar miúdas.
Fragmentado e incompleto, intensamente picado, tomando em algumas áreas o aspecto de vidro gelado, com ligeira irisão.
Alt.: 92 mm. Diâm. da boca: 85 mm. Esp.: 0,5 mm.
Copa cónica de paredes sinuosas, fundo côncavo, bordo ligeiramente envasado.
Núm. de inv.: 14 878. Acha-se num tabuleiro juntamente com o número 19 deste artigo. É o tabuleiro que tem este número de inventário, correspondendo-lhe no ficheiro a seguinte descrição: «tabuleiro com pedaços de terra carbonizada com fragmentos de vidro». Não tem indicação de proveniência mas acha-se no mesmo escaparate com materiais de Torre de Ares.

23 — Vidro incolor.
Fragmentado e incompleto. Corrosão com aspecto de vidro gelado. Picado e com ranhuras fundas.
Alt. provável: 86 mm. Diâm. da boca: 100 mm. Esp. mín.: 0,5 mm.
Copa angulosa, decorada com uma ranhura larga, bordo envasado e de arestas.
Sem núm. de inv. Provàvelmente proveniente de Torre de Ares por se achar no mesmo escaparate com materiais dessa procedência.

24 — Vidro incolor, com bolhas de ar e estrias resultantes da soflagem.
Fragmentado e incompleto; picado.
Alt.: 60 mm. Diâm. da boca: 78 mm. Esp. mín.: 0,5 mm.
Paredes em S, pé apertado com turquêses. Bordo de arestas, envasado.
Decorado com linhas esmeriladas.
Núm. de inv.: 14 129.

25 — Vidro verde-gelo, com numerosas bolhas de ar e pedra. Cabuchões de vidro azul-ultramarino.
Completo, ligeiramente esborcelado, muito riscado pelo uso.
Alt.: 62 mm. Diâm. da boca: 63 mm. Esp. mín.: 0,75 mm.
Copa sobre o cilíndrico, bordo envasado, de arestas vivas, fundo côncavo.
Decorado com cabuchões, alternando-se os simples ovais com os grupos de três menores. À altura dos cabuchões correm linhas finas esmeriladas que foram feitas depois da aplicação dos cabuchões.
Núm. de inv.: 14 126. Tem ainda uma etiqueta de papel com o número 498.

26 — Vidro verde-musgo, com bolhas de ar e estrias resultantes da soflagem.
Fragmentado e incompleto, com ligeira irisão.
Diâm. da boca: 68 mm. Esp. mín. 0,75 mm.
Copa sobre o cilíndrico, bordo envasado e de arestas. Decorado com um cabuchão de vidro azul cobalto. Um pouco acima deste correm linhas esmeriladas, irregulares, quase imperceptíveis de tão finas.
Sem núm. de inv. Provàvelmente proveniente de Torre de Ares por se encontrar no mesmo escaparate com materiais dessa procedência.

27 — Vidro incolor.
Completo e intacto, com ligeira irisão e corrosão com aspecto de vidro gelado.
Alt.: 85 mm. Diâm. da boca: 67 mm. Esp.: 0,75 mm.
Corpo em forma de saco, fundo côncavo, bordo polido ao fogo.
Núm. de inv.: 14 066.

28 — O nó e a base são de vidro incolor, leitoso. A copa é de vidro verde-alface, com um cordão da mesma cor. Sobre a base, dois cordões de vidro incolor, um deles irregular.
Sem núm. de inv. Provàvelmente proveniente de Torre de Ares por se encontrar no mesmo escaparate com materiais dessa procedência.

FRASCOS E GARRAFAS

O número 29 é certamente um tipo tardio, para o qual não podemos, porém, citar paralelos exactos nem indicar cronologia precisa ([28]).

([28]) Cfr. Harden, 1955, p. 54 e fig. 22 f; Morin-Jean, 1913, fig. 103 e p. 91.

O número 30 é possìvelmente uma peça do século I, do tipo Isings 16; dada a simplicidade da forma, fabricada em todas as épocas, e a ausência de estratigrafia, não podemos assegurar essa cronologia.

O número 31 é provàvelmente um balsamário da forma 28 a de Isings, embora esta seja mais frequentemente de vidro azulado ou verde-gelo. O tipo é muito comum no século I d. C., embora não faltem exemplos do II e III ([29]).

O gargalo número 32 pertence provàvelmente a um frasco de tipo Morin-Jean 10. O autor distingue duas variedades: com asa (nesta poderemos talvez classificar o número seguinte) e sem asa. Esta forma é aparentemente mais rara. Ambas datam do século III, sobretudo posteriormente a meados do século.

O número 33 cabe no tipo 100 de Isings. Esta autora inclui no tipo 100 duas formas aliás muito diferentes: uma garrafa cilíndrica e um balsamário de corpo losangonal muito baixo. As duas formas são todavia idênticas no colo (normalmente mais alto que o do nosso exemplar) e asas. Tal identidade não permite decidir se esta peça pertence a um ou outro dos subtipos da forma Isings 100, até agora ignorada em Portugal.

O número 34 é um fundo de garrafa prismática atribuível à segunda metade do século I ou II d. C. ([30]).

O número 35 é uma garrafa dos fins do século III ou do IV d. C., que tem paralelo em Portugal na vila de Cardílio ([31]).

29 — Vidro incolor.

Fragmentado e incompleto. Muito picado, tem uma forma invulgar de corrosão de aspecto mármoreo, acastanhada.

Alt.: 106 mm. Diâm. máx.: 60 mm. Esp. mín. 1 mm.

([29]) Também poderíamos citar como paralelo um vidro da necrópole de Apt, encontrado com outros vasos da segunda metade do século I ou do II d. C. Tem igualmente linhas gravadas mas não apresenta o rebaixo do colo que caracteriza o nosso exemplar. Vid. A. Dumoulin, *Découverte d'une nécropole gallo-romaine à Apt (Vaucluse)* «Gallia», 22, 1964, p. 100, fig. 21 D.

([30]) Sobre fundos idênticos vid. Alarcão, 1965, p. 91 e 1968, p. 34.

([31]) A. e J. Alarcão, *Achados na villa romana de Cardílio*, «Arquivo de Beja», 23-24, 1966-67, est. IV, 9.

Reservatório esférico e gargalo afunilado. O bojo é decorado com nervuras, mais vincadas no fundo e na base do colo, como se o frasco tenha sido soprado depois de formadas as nervuras. O fundo côncavo tem um anel em relevo.
Núm. inv. 14 133. Foi encontrado na Horta de Carvalha, freguesia de Couce, concelho de Tavira.

30 — Vidro verde-alface.
Fragmentado e incompleto; muito picado, com corrosão leitosa alojada nos picos e crateras.
Alt. provável: 102 mm. Diâm. da boca: 32 mm.
Reservatório ligeiramente piriforme, gargalo cónico, bordo revirado para fora e depois dobrado para dentro, fundo umbilicado. Marca visível de pontel.
Núm. inv. 14 987. Achada na Horta da Canada, Conceição, Tavira. (O número de inventário e consequentemente a proveniência não são seguros).

31 — Vidro incolor, com pequenas bolhas de ar e algumas impurezas negras.
Fragmentado e incompleto. Leitoso, picado, com ranhuras e irisado.
Alt. conservada: 72 mm. Diâm. máx. 68 mm. Esp.: 1,5 mm.
Reservatório piriforme, decorado com linhas gravadas pouco fundas. Tem um ligeiro ressalto na base do gargalo.
Núm. inv.: 14 100.

32 — Vidro incolor, com bolhas de ar compridas.
Fragmentado e incompleto, leitoso.
Alt. conservada: 85 mm. Diâm. da boca: 27 mm. Esp.: 1,5 mm.
Gargalo cilíndrico, de bordo de arestas, com linhas muito finamente gravadas, estrangulado na base.
Núm. inv.: 14.136 C. Na ficha de inventário tem a seguinte nota: «não tem indicação que seja de Torre de Ares». Acha-se todavia no mesmo escaparate juntamente com outros materiais de Torre de Ares.

33 — Vidro incolor, apenas muito vagamente tingido de verde-alface.
Fragmentado e incompleto. Corrosão e irisão nacarada.
Alt. conservada: 54 mm. Diâm. da boca: 20 mm. Esp.: 3,5 mm.
Gargalo curto, estrangulado na base, asas delfiniformes.
Núm. inv.: 14 716.

34 — Vidro verde-gelo com muitas bolhas de ar e estrias da soflagem. Fragmentado e incompleto. Irisado.
Fundo decorado com um botão central e três círculos concêntricos.
Sem núm. de inv. Provàvelmente proveniente de Torre de Ares por se encontrar no mesmo escaparate com outros materiais dessa procedência.

35 — Vidro verde-musgo com muitas bolhas de ar e estrias da soflagem. Fragmentado e incompleto, picado e com ranhuras.
Diâm.: 115 mm. Esp. máx.: 1,75 mm.
Cilíndrico, decorado com bandas esmeriladas.
Sem núm. de inv. Provàvelmente proveniente de Torre de Ares por se encontrar no mesmo escaparate com outros materiais dessa procedência.

UNGUENTÁRIOS

Os unguentários de reservatório triangular e de gargalo alto e cilíndrico como os números 36, 37 e 40 são frequentes em Torre de Ares. Publicamos apenas três exemplares. O Museu conserva, porém, mais cinco balsamários idênticos, fragmentados e incompletos, três deles com os números 14 075, 14 135 A e 14 897 B, os outros dois sem número de inventário. Ao mesmo tipo pertencem talvez as bases 38 e 39, que também não se acham inventariadas.

Os unguentários de reservatório ligeiramente bulbiforme constituem um tipo muito semelhante, do qual se encontram em Torre de Ares dois exemplares: o número 41 deste artigo e outro que não publicamos e tem o número de inventário 14 101.

Ambos os tipos têm o mesmo colo alto e cilíndrico e o bordo em forma de aba pendente. Não podemos, pois, determinar se pertencem a um ou outro tipo quatro gargalos que se conservam no Museu, dois deles com os números 14 135 B e 14 898 A, os outros dois sem número visível mas correspondendo talvez aos números 14 136 A e 14 136 B do inventário.

Os unguentários de reservatório triangular e bulbiforme são contemporâneos. Harden, publicando alguns exemplares de Vasa (Chipre), incluiu os dois modelos no seu grupo B, I(b), que datou do

século III e inícios de IV d. C. ([32]). Pelo menos no Ocidente, os dois tipos fabricaram-se sobretudo na segunda metade do século I d. C. ([33]). Uma sepultura escavada perto de Tavira (talvez na mesma área de onde provieram os vidros que agora estudamos) e publicada em 1896 por Pereira Botto continha um unguentário de reservatório triangular idêntico aos números 36, 37 e 40 associado a um *quadrans* de Cláudio ([34]); uma sepultura da herdade do Carvalhal (Constância), atribuível aos fins do século I ou aos inícios do II d. C. pelo mais tardar, continha um unguentário bulbiforme e outro triangular ([35]); a incineração 198 de Valdoca, datável da mesma época, tinha um unguentário ligeiramente bulbiforme com um gargalo que deveríamos talvez ter reconstituído com maior altura ([36]).

A marca AVG, talvez abreviatura de Augius, é frequente no sul de Portugal e de Espanha. As quatro peças aqui publicadas vêm juntar-se às doze que registámos em 1966 ([37]). A marca é acompanhada de palmetas ou folhas de hera. Nos números 36 e 38 vê-se uma palmeta sob as letras AVG. Não se nota qualquer motivo sobre as mesmas letras; a impressão, porém, é tão frouxa, que podemos admitir que no molde existissem duas folhas de hera sobre as letras, como sucede nos dois unguentários de Carmona publicados por Bonsor ([38]). Nos números 37 e 39 vêem-se duas folhas de hera sob as letras, marca que se repete no unguentário publicado por C. Fernández-Chicarro ([39]). Em dois unguentários de Aljustrel, que publicámos em 1968, vêem-se apenas folhas sobre as letras ([40]).

([32]) Harden, 1955, p. 59.

([33]) Alarcão, 1963, pp. 200-202.

([34]) Alarcão, 1968, pp. 7-8.

([35]) Alarcão, 1966(1), p. 6.

([36]) Alarcão, 1966, sepultura 198.

([37]) Alarcão, 1966, p. 43.

([38]) G. Bonsor, *The archaeological sketch-book of the Roman necropolis at Carmona*, New York, 1931, est. LXXXVIII. Um destes desenhos parece ser a repetição, noutra escala, do da est. LXXXVI.

([39]) Concepción Fernandez-Chicarro, *Museo Arqueologico de Sevilla*, «Memorias de los Museos Arqueologicos Provinciales», Madrid, 14, 1956, p. 54 e fig. 32.

([40]) Alarcão, 1968, n.os 66-67.

Os unguentários números 42-45 cabem no tipo 82 B(2) de Isings Embora este se encontre já no século I, é sobretudo frequente no II e na primeira metade do III d. C. Um unguentário semelhante da necrópole de Valdoca foi recolhido em sepultura da segunda metade do século I ou inícios do II d. C. (41). A marca do número 42 é, infelizmente, ilegível.

Os balsamários 46-50 cabem no tipo 28 de Isings, frequente na segunda metade do século I d. C. Este tipo é comum no Algarve (42).

Os números 51 e 52 são unguentários tubulares, o segundo com estrangulamento na parte superior, o primeiro sem qualquer afogamento. Não publicamos outros sete fragmentos, por conservarem apenas a parte inferior e não ser por isso determinável se eram ou não estrangulados; destes sete, apenas três têm número de inventário: 14 137 A, 14 137 B e 14 137 D.

Os unguentários sem estrangulamento são próprios da primeira metade e meados do século I d. C. (43). A mesma cronologia deve atribuir-se ao unguentário com estrangulamento na parte superior (44).

36 — Vidro ligeiramente fumado, com numerosas bolhas de ar e estrias resultantes da soflagem.
Completo, com ligeira irisão.
Alt.: 178 mm. Diâm. máx.: 64 mm. Diâm. da boca: 43 mm
Esp.: 1,5 mm.
Reservatório triangular, gargalo alto e cilíndrico, bordo repuxado para fora, formando aba, e enrolado para dentro na periferia. Tem na base, em ligeiro relevo, a marca AVG sobre uma palmeta.
Núm. de inv.: 14 114. Não tem indicação de proveniência, mas acha-se no mesmo escaparate com outros vidros de Torre de Ares.

37 — Vidro ligeiramente tingido de azul Caran d'Ache. com impurezas negras.
Fragmentado e incompleto, picado, irisado.
Diâm. máx.: 59 mm. Esp.: 0,75 mm.

(41) Alarcão, 1966, sepultura 141.
(42) Alarcão, 1964, n.os 3-6; 1968, n.os 9, 30 e 31.
(43) Alarcão, 1963, pp. 182-183 e 1968, pp. 10-11.
(44) Alarcão, 1963, p. 182.

Reservatório triangular, gargalo cilíndrico. Tem na base, em ligeiro relevo, a marca AVG sobre uma folha de hera; de uma segunda folha, voltada à esquerda, só se vê o talo da base, por defeito de impressão.
Núm. de inv.: 14 135 C.

38 — Vidro muito ligeiramente tingido de verde-gelo com bolhas de ar. Fragmentado e incompleto.
Base muito ligeiramente côncava com a marca [A]VG sobre uma palmeta.
Não tem número de inventário mas acha-se no mesmo escaparate com vidros de Torre de Ares.

39 — Vidro muito ligeiramente tingido de verde-alface só perceptível na aresta, com muitas bolhas de ar.
Fragmentado e incompleto.
Base muito ligeiramente côncava com a marca AVG sobre duas folhas de hera.
Não tem número de inventário mas acha-se no mesmo escaparate com vidros de Torre de Ares.

40 — Vidro incolor, com bolhas de ar e estrias resultantes da soflagem. Fragmentado e incompleto. Irisado.
Diâm. máx.: 68 mm. Esp.: 0,75 mm.
Reservatório triangular, fundo côncavo, gargalo alto e cilíndrico. Tem um círculo impresso na base, mas dentro do círculo não se vê qualquer marca.
Núm. de inv.: 14 897 A.

41 — Vidro verde-gelo, com bolhas de ar e pedra.
Fragmentado e incompleto. Intensamente picado e com irisão.
Diâm. máx.: 74 mm. Esp. mín.: 0,75 mm.
Reservatório bulbiforme, fundo côncavo, gargalo cilíndrico.
Núm. de inv.: 14 110.

42 — Vidro verde-gelo com numerosas bolhas de ar.
Completo, apenas esborcelado no bordo, irisado pelo lado interno.
Alt.: 70 mm. Diâm. máx. 37 mm. Esp. mín.: 0,75 mm.
Reservatório triangular achatado, fundo côncavo com uma marca ilegível, bordo revirado para fora e de novo para dentro formando uma aba pendente.
Núm. de inv.: 14 581. Tem ainda o número E 1880. Foi oferta do Sr. Sebastião Telo. Não tem indicação de proveniência, mas é pro-

vàvelmente de Torre de Ares por serem desta proveniência os números anteriores e seguintes do inventário.

43 — Vidro verde-gelo com muitas impurezas negras, pedra, bolhas de ar compridas e estrias resultantes da soflagem.
Completo e intacto.
Alt.: 104 mm. Diâm. máx.: 37 mm. Esp. mín.: 1 mm.
Reservatório triangular, achatado, fundo côncavo, gargalo alto e cilíndrico, bordo repuxado para fora e seguidamente dobrado para dentro sobre si mesmo.
Sem núm. de inv., mas no mesmo escaparate dos outros vidros de Torre de Ares.

44 — Vidro fumado, com bolhas, pedra, estrias da soflagem e impurezas negras.
Completo e intacto.
Alt.: 114 mm. Diâm. máx.: 41 mm. Esp. mín.: 0,75 mm.
Reservatório triangular achatado, fundo côncavo, gargalo alto e cilíndrico, bocal afunilado, bordo dobrado para dentro.
Núm. de inv.: 14 120.

45 — Vidro ligeiramente fumado.
Fragmentado e incompleto, irisado, picado, com ranhuras e concreções calcárias.
Diâm. máx.: 41 mm. Esp.: 1 mm.
Reservatório sobre o triangular, fundo ondulado.
Sem núm. de inv., mas no mesmo escaparate juntamente com materiais de Torre de Ares.

46 — Vidro verde-gelo.
Fragmentado e incompleto.
Alt. cons.: 104 mm. Diâm. da base: 30 mm. Esp. mín.: 1 mm.
Reservatório triangular, gargalo alto e cilíndrico estrangulado na base, fundo côncavo.
Núm. de inv.: 14 063. Não tem indicação de proveniência. Julgamos que seja de Torre de Ares por serem desta proveniência os números contíguos do inventário.

47 — Vidro verde-gelo, com bolhas de ar compridas e impurezas negras.
Fragmentado e incompleto.
Alt.: 49 mm. Diâm. da boca: 20 mm.

Gargalo estreito, cilíndrico, bocal afunilado, bordo revirado para dentro e polido ao fogo.
Sem núm. de inv. Provàvelmente de Torre de Ares por se encontrar no mesmo escaparate com outros materiais dessa procedência.

48 — Vidro verde-gelo, com bolhas de ar e impurezas negras.
Fragmentado e incompleto, com concreções calcárias.
Alt. cons.: 42 mm. Diâm. máx.: 30 mm. Esp. mín.: 1 mm.
Reservatório triangular alto, fundo ligeiramente côncavo.
Sem núm. de inv. Provàvelmente de Torre de Ares por se encontrar no mesmo escaparate com outros materiais dessa procedência.

49 — Vidro verde-gelo, muito brilhante, com bolhas de ar e impurezas negras.
Fragmentado e incompleto.
Alt. cons.: 27 mm. Diâm. máx.: 21 mm. Esp. mín.: 1,25 mm.
Reservatório triangular, gargalo estrangulado na base, fundo côncavo.
Sem núm. de inv. Provàvelmente de Torre de Ares por se encontrar no mesmo escaparate com outros materiais dessa procedência.

50 — Vidro verde-gelo, com bolhas de ar e impurezas negras.
Fragmentado e incompleto, com ligeira irisão.
Alt. cons.: 26 mm. Diâm. máx.: 25 mm. Esp. mín.: 1,5 mm.
Reservatório triangular de lados côncavos.
Sem núm. de inv. Provàvelmente de Torre de Ares por se encontrar no mesmo escaparate com outros materiais dessa procedência.

51 — Vidro verde-gelo, com estrias da soflagem.
Fragmentado e incompleto, com picado intenso e irisão esmaltada.
Alt. cons.: 94 mm. Diâm. máx.: 24 mm. Esp. mín.: 0,5 mm.
Reservatório tubular, fundo umbilicado.
Núm. de inv. 14 137 C.

52 — Vidro ligeiramente verde-gelo, com estrias da soflagem.
Fragmentado e incompleto, muito picado, com irisão prateada.
Alt. cons.: 80 mm. Diâm. máx.: 24 mm. Esp. mín.: 0,5 mm.
Reservatório cónico muito alongado, gargalo curto, estrangulado na base, fundo ligeiramente côncavo.
Núm. de inv.: 14 987.

OUTRAS PEÇAS

O jarrinho 53, que serviu de simples ornamento ou amuleto, em colar ou bracelete, é idêntico a um que publicámos de Conimbriga ([45]).

As cânulas 54-56 usavam-se para agitar cosméticos ou retirá-las dos unguentários. Mais frequentes nos séculos I e II d. C. ([46]), não se podem datar com precisão. Além das que publicamos, o Museu conserva outras, fragmentadas, com os números de inventário 14 815 A, 14 815 B, 15 004 B, 15 064, 15 567 A e 16 902(?).

O número 57 é um vasinho para o qual não encontramos paralelo.

Não é fácil classificar o fragmento 58, dada a sua exiguidade. É possível que se trate de uma lamparina do tipo 134 de Isings, forma que surgiu nos fins do século IV ([47]).

O número 59 é um fragmento do século III ou IV, época em que as bandas de losangos são frequentes nos vidros gravados ([48]).

O fragmento 60, dada a sua curvatura, é certamente resto de uma asa, mas não podemos determinar nem a cronologia nem o tipo do vaso a que pertenceu.

53 — Vidro azul-negro.
Picado e com a asa partida.
Alt.: 29 mm. Diâm. da boca: 11 mm.
Corpo losangonal, base em forma de bolacha. A parte inferior da asa forma um prolongamento vincado transversalmente.
Núm. de inv.: 14 759 (E 1659).

54 — Vidro incolor.
Completa e intacta.
Comp.: 195 mm.

([45]) Alarcão, 1965, n.º 305 e p. 157.

([46]) Isings, forma 79.

([47]) Vid., além de Isings, Boube, *Volubilis. Une lampe en verre du IV siècle*, «Bulletin d'Archéologie Marocaine», 4, 1960, pp. 508-512.

([48]) Cfr. V. Elbern, *Eine Gruppe spätrömischer Glasbecher aus Köln und ihr Fortwirken im frühen Mittelalter*, «J. G. S.», 8, 1966, pp. 65-69.

Torcida de um lado e do outro, tem a parte central prismática. De um lado termina em ponta aguçada, do outro em colherinha cónica.
Núm. de inv.: 14 812.

55 — Vidro entre verde-maçã e verde-relva amarelado.
Completa e intacta.
Comp.: 183 mm.
Rematada de forma discóide nas duas extremidades.
Núm. de inv.: 14 814.

56 — Vidro azul-ultramarino.
Partida numa das extremidades.
Comp.: 169 mm.
Rematada de forma discóide numa das extremidades. A outra formava certamente uma argola fechada.
Núm. de inv.: 14 813.

57 — Vidro quase incolor, apenas ligeiramente fumado, com pequenas bolhas de ar e estrias resultantes da soflagem.
Fragmentado e incompleto. Ligeiramente leitoso, com manchas de irisão incipiente, picado, com ranhuras muito fundas.
Alt.: 51 mm. Diâm. da boca: 37 mm. Esp. 1,25 mm.
Corpo cilíndrico, fundo côncavo, bordo formando uma pqeuena aba pendente.
Núm de inv.: 14 714.

58 — Vidro verde-azeitona com algumas bolhas de ar.
Conserva-se apenas um pequeno fragmento, cujo diâmetro é impossível de determinar. Riscado e com ligeira irisão.
Parede oblíqua, bordo revirado para dentro. Armado de uma pequena asa grossa.
Sem núm. de inv. Provàvelmente de Torre de Ares por se encontrar no mesmo escaparate com outros materiais dessa procedência.

59 — Vidro muito ligeiramente tingido de verde-alface.
Irisado.
Parte de um bojo, possìvelmente de taça, com decoração gravada de losangos.
Sem núm. de inv. Provàvelmente de Torre de Ares, por se encontrar no mesmo escaparate com outros materiais dessa procedência.

60 — Vidro incolor.
Leitoso e irisado.
Diâm.: 5 mm.
Fragmento de uma asa (?) torcida helicoidalmente.
Sem núm. de inv. Provàvelmente de Torre de Ares, por se encontrar no mesmo escaparate com outros materiais dessa procedência.

Além dos vidros aqui ilustrados, o Museu Nacional de Arqueologia guarda, de Torre de Ares, pequenos fragmentos não inventariados cujo tipo se pode determinar não obstante a exiguidade dos fragmentos, mas que não justificam ilustração por não apresentarem perfil: assim, um bico de biberon Isings 99, taças de bordo engrossado e polido ao fogo como Alarcão, 1965, número 205, um prato Isings 43, um balão de vidro idêntico ao número 46 de *Mais algumas pequenas colecções de vidros romanos* («Conimbriga», 10, 1971), uma orelha repuxada do tipo da que estudou Clairmont, 1963, p. 47, fragmentos de uma peça com decoração de fios de vidro formando rede sobre o vidro como em Alarcão, 1964, est. II, 3 e 5.

RÉSUMÉ

L'Auteur publie la collection de verres romains recueillis à Balsa (près de Tavira, en Algarve) et dont le Musée National d'Archéologie est le dépositaire. Il y a des pièces qui ne portent pas de numéro d'inventaire mais qui ont été vraisemblablement trouvées aussi à Balsa.

Ces pièces ont été probablement trouvées dans des fouilles de la nécropole au XIX siècle. Il n'y a pas de journal de fouilles et ces verres ne sont donc datables par leurs associations.

Les pièces sont groupées par catégories. Pour chaque groupe il y a une introduction portant sur la classification et la chronologie à laquelle fait suite la description détailée des verres.

ABREVIATURAS USADAS

Alarcão, 1963: JORGE e ADÍLIA ALARCÃO, *Vidros romanos do Museu de Martins Sarmento*, «Revista de Guimarães», Guimarães, **73**, 1963, pp. 175-209.

Alarcão, 1964: JORGE e ADÍLIA ALARCÃO, *Vidros romanos do Museu Municipal da Figueira da Foz*, «Revista de Guimarães», Guimarães, **74**, 1964, pp. 79-120.

Alarcão, 1965: JORGE e ADÍLIA ALARCÃO, *Vidros romanos de Conimbriga*, Conimbriga, 1965.

Alarcão, 1966: JORGE e ADÍLIA ALARCÃO, *O espólio da necrópole luso-romana de Valdoca*, «Conimbriga», **5**, 1966, pp. 7-104.

Alarcão, 1966 (¹): JORGE e ADÍLIA ALARCÃO, *Sepultura luso-romana descoberta no concelho de Constância*, «Museu», 2.ª série, **10**, 1966, pp. 5-12.

Alarcão, 1967: JORGE ALARCÃO, *Vidros romanos do Museu Arqueológico de Vila Viçosa*, «Conimbriga», **6**, 1967, pp. 1-45.

Alarcão, 1968: JORGE ALARCÃO, *Vidros romanos de museus do Alentejo e Algarve*, «Conimbriga», **7**, 1968, pp. 7-39.

Berger, 1960: LUDWIG BERGER, *Römische Gläser aus Vindonissa*, Basileia, 1960.

Calvi, 1968: M. C. CALVI, *I vetri romani del Museo di Aquileia*, Aquileia, 1968.

Clairmont, 1963: C. W. CLAIRMONT, *The excavations at Dura-Europos, Final Report, IV, Part V, The Glass Vessels*, New Haven, 1963.

Doppelfeld, 1966: OTTO DOPPELFELD, *Römisches und fränkisches Glas in Köln*, Colónia, 1966.

Harden, 1936: D. B. HARDEN, *Roman Glass from Karanis*, Michigan, 1936.

Harden, 1955: D. B. HARDEN, *Roman tombs at Vasa: the glass*, «Report of the Department of Antiquities, Cyprus, 1940-48», 1955.

Isings, 1957: CLASINA ISINGS, *Roman glass from dated finds*, Groningen, 1957.

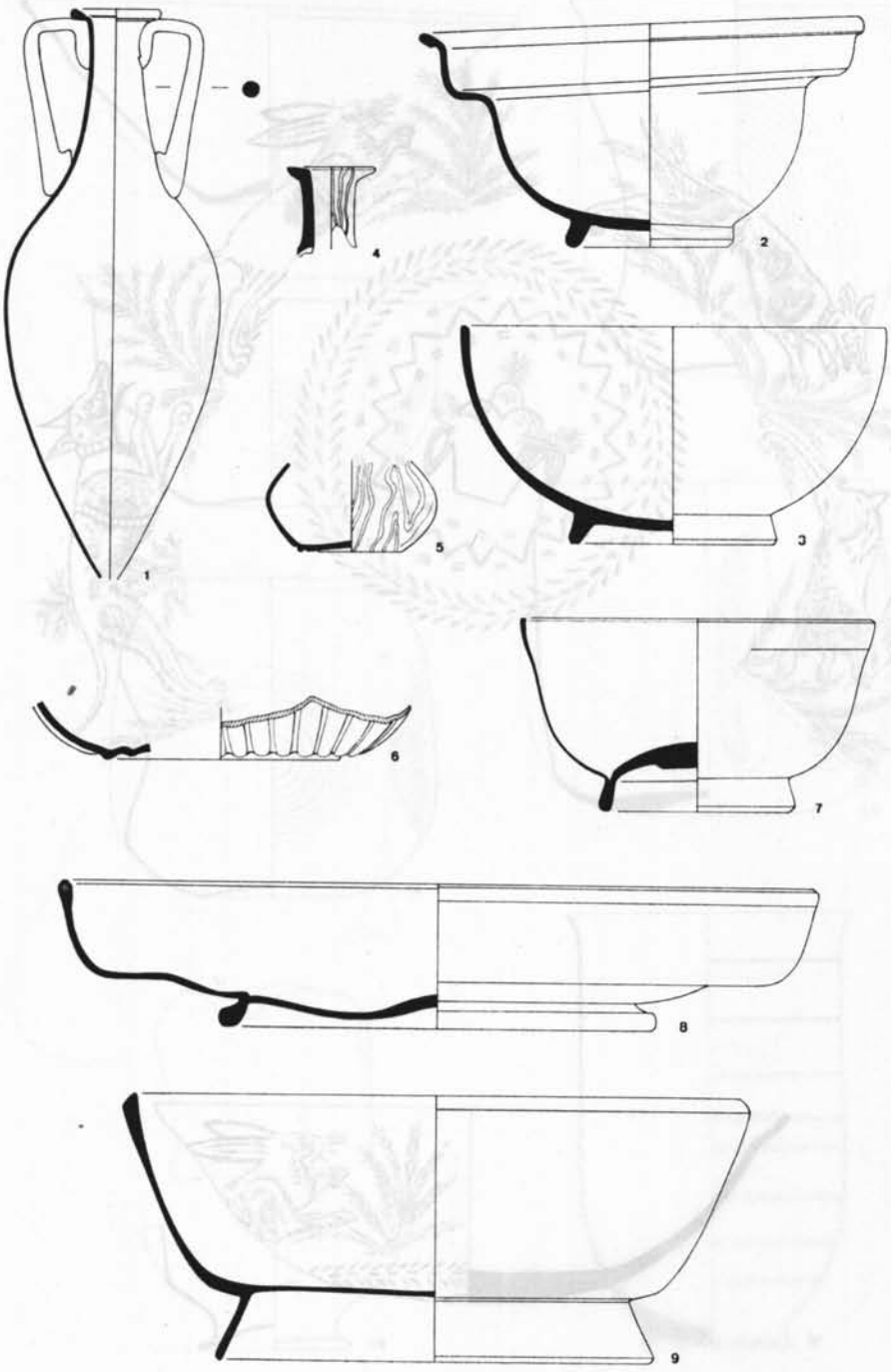
J. G. S.: «Journal of Glass Studies», Corning.

Lancel, 1967: SERGE LANCEL, *Verrerie antique de Tipasa*, Paris, 1967.

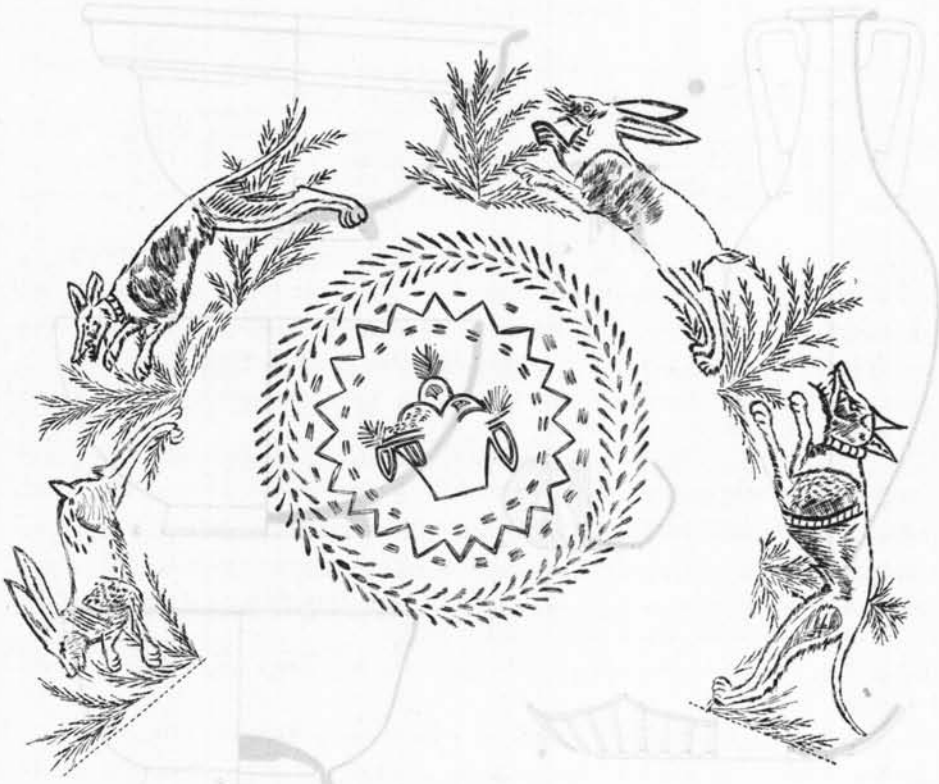
Morin-Jean, 1913: MORIN-JEAN, *La verrerie en Gaule sous l'Empire Romain*, Paris, 1913.

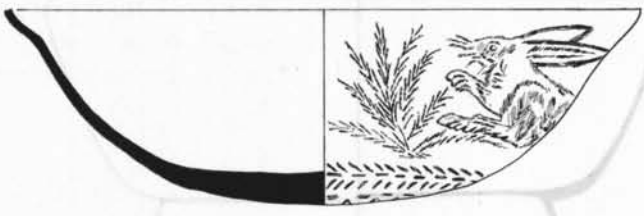
Smith, 1957: *Glass from the Ancient World. The Ray Winfield Smith collection*, Corning, 1957.

Vessberg, 1956: OLOF VESSBERG, *The Swedish Cyprus Expedition, vol. IV, Part 3. The Hellenistic and Roman periods in Cyprus*. Estocolmo, 1956.

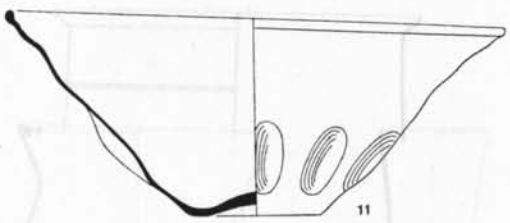


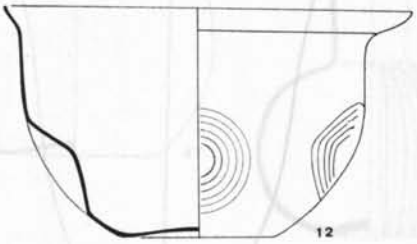
Esc. 1:2

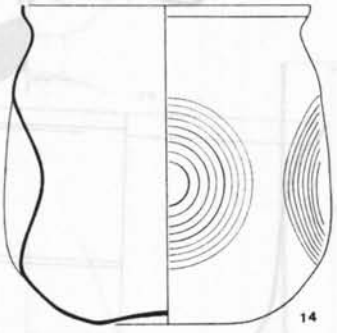


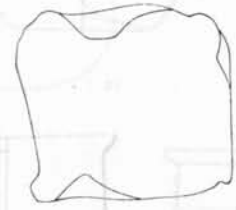


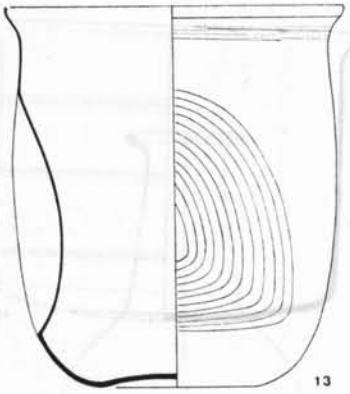
Esc. 1:2

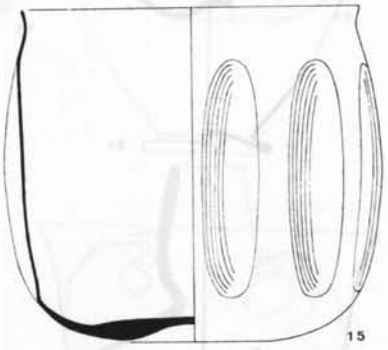


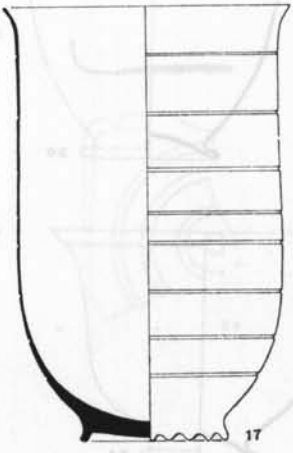




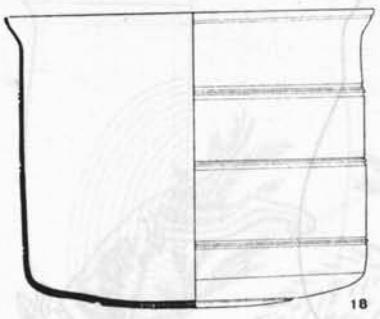


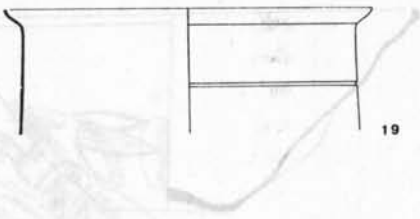


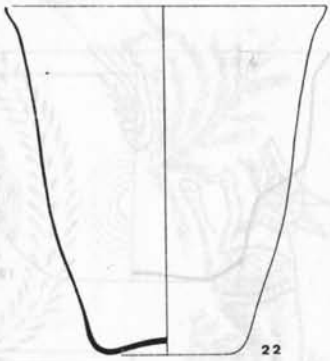


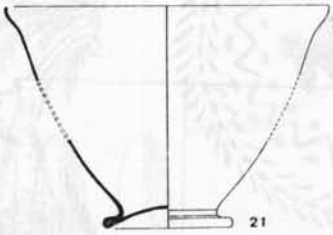


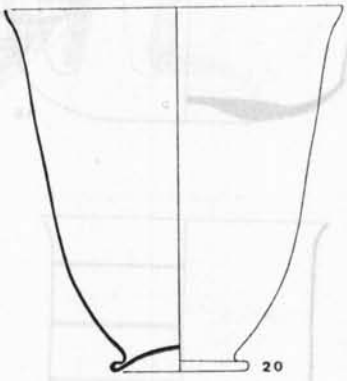
Esc. 1:2

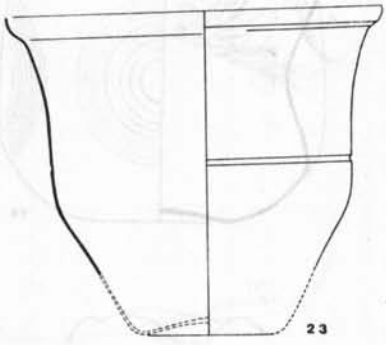


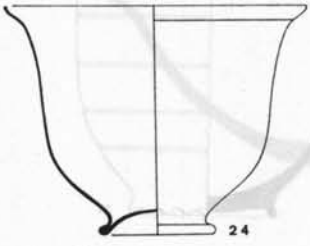


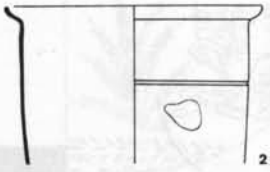




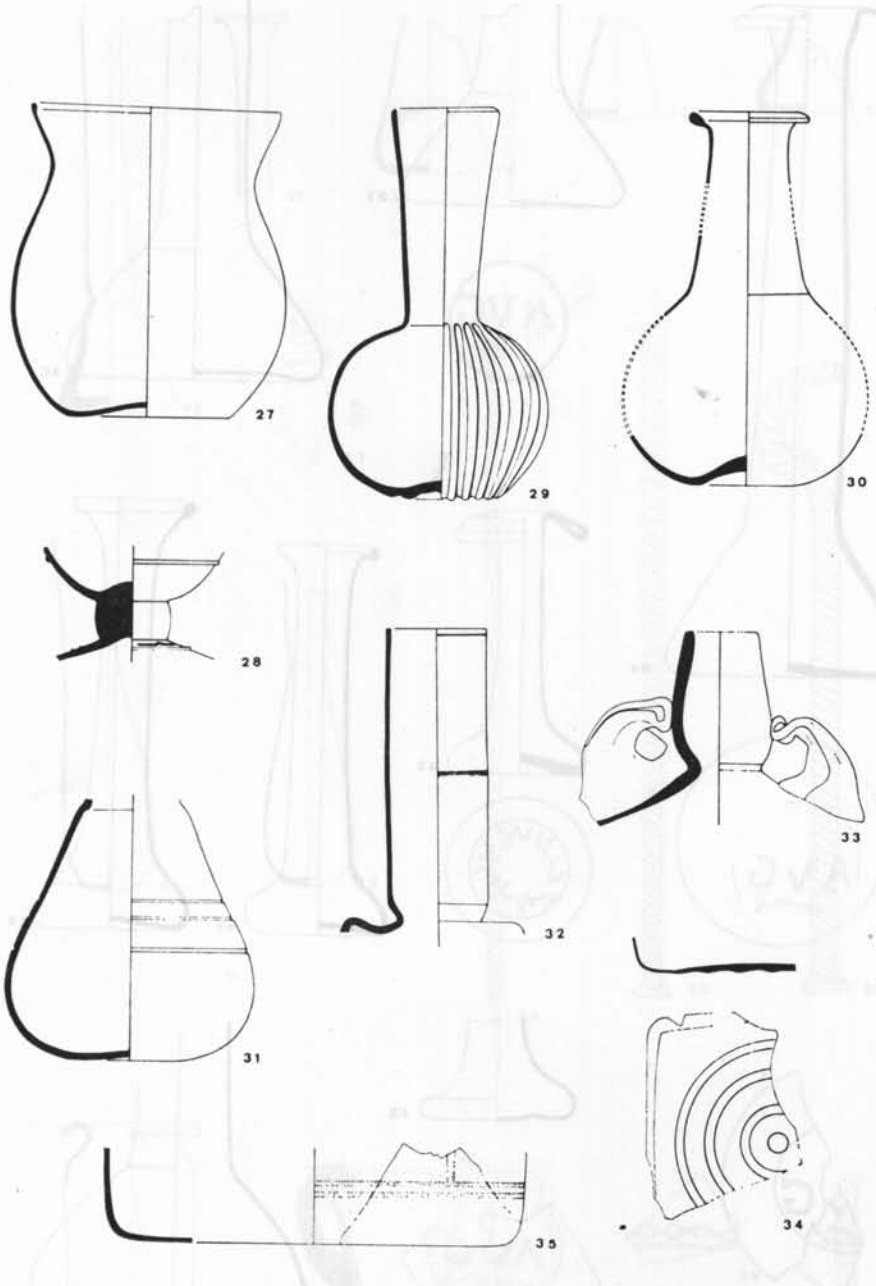




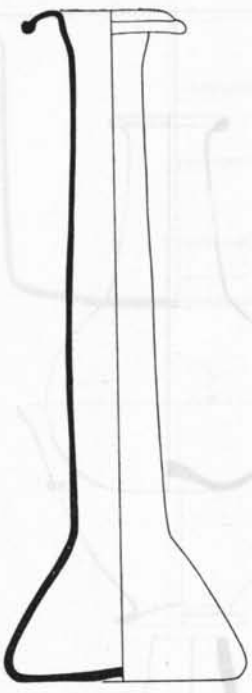




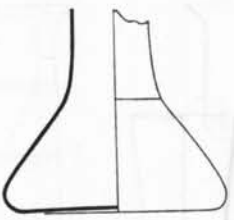
Esc. 1:2



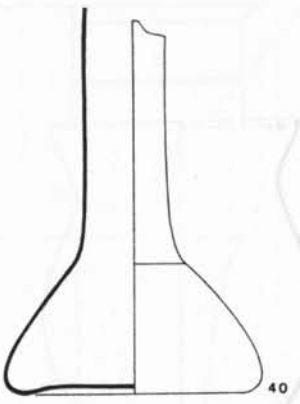
Esc. 1:2



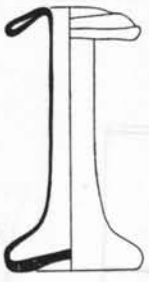
36



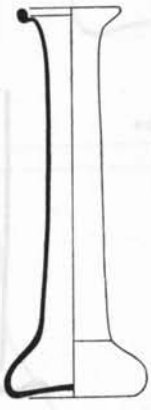
37



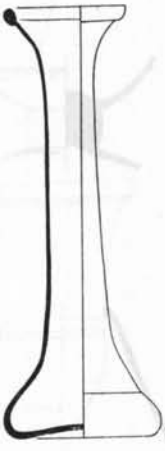
40



42



43

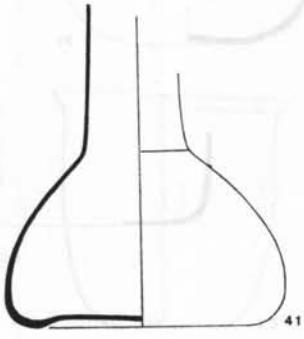


44

45

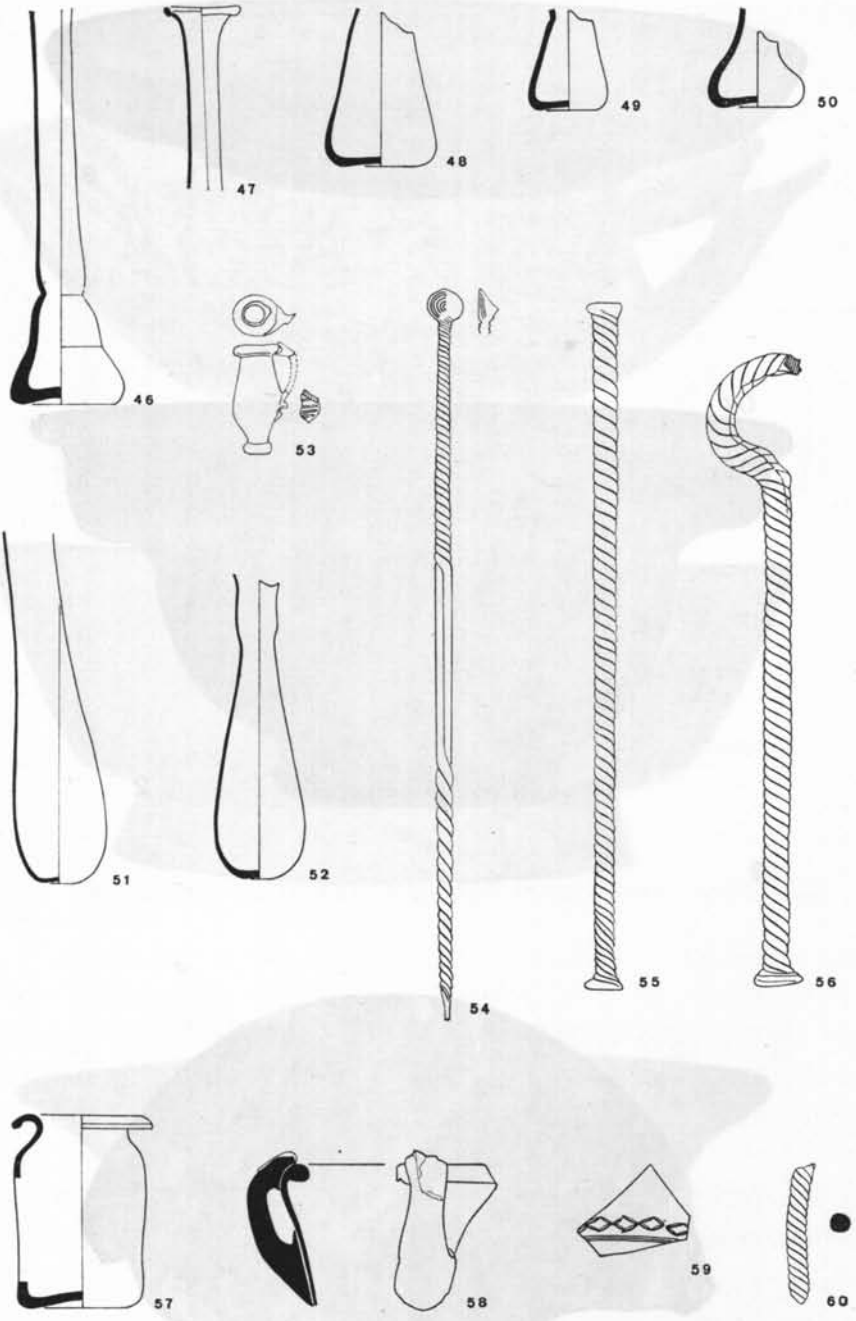
38

39



41

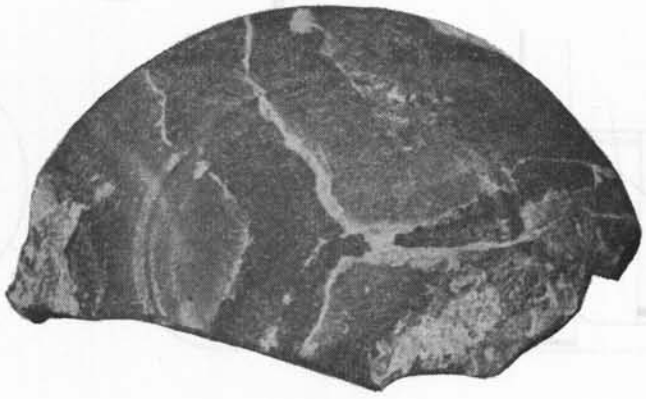
Esc. 1:2



Esc. 1:2

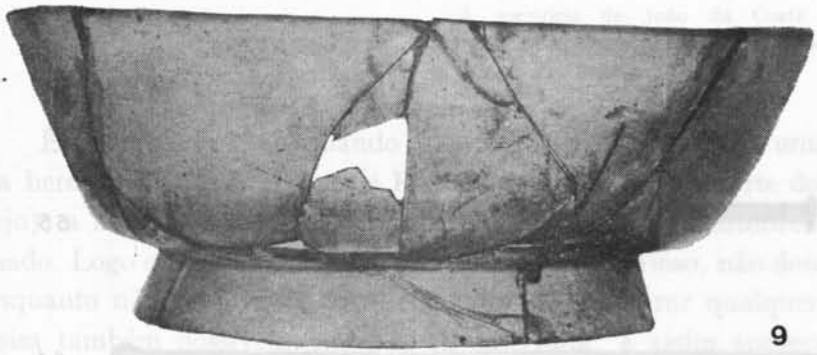
8

2



5

10



9

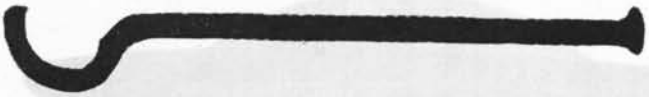
11

27

25

55

54



56